

6. Tempo

Vida que segue

João Fragoso *

Manolo Florentino **

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 523 p. (“História da Vida Privada no Brasil”, volume 2).

Campinas, interior da província de São Paulo, 1869. Em um peculiar linguajar e claramente emocionado, Isidoro Gurgel passa a escrever:

Entre os mais bens que possuo, sou senhor e possuidor de uma escrava de nome Ana, e como a referida escrava é minha mãe, verificando-se a minha maioria hoje, pelo casamento de ontem, por isso achando-me com direito, concedo à referida minha mãe plena liberdade, a qual concedo de todo o meu coração.

Este pequeno texto constitui-se em claro exemplo da complexidade da sociedade imperial brasileira, na qual hierarquias altamente sedimentadas combinam, em seus interstícios, freqüentes mobilidades sociais e relações afetivas que ultrapassam estatutos jurídicos aparentemente estanques. Tudo isto, unido à falta de uma política efetiva de preservação documental, certamente torna difícil ao historiador debruçar-se sobre a vida privada do Oitocentos brasileiro. E, no entanto, este segundo volume da coleção “História da vida privada no Brasil”, lançado pela Companhia das Letras sob organização de Luiz Felipe de Alencastro, dá ao grande público a chance de ter em mãos não somente um riquíssimo material iconográfico mas, também, resultados de algumas das mais laboriosas e importantes pesquisas de ponta produzidas no país ao longo dos últimos anos.

Como se pôde lograr tal coisa é assunto que merece um pouco de atenção. Assim, para adentrar a intimidade, os modos de vida, o dia-a-dia da existência familiar e pública e, mesmo, as formas de transmissão de valores e comportamentos, o organizador do presente volume optou por apenas definir o enfoque regional como eixo, deixando por conta dos colaboradores a tarefa de delimitar os recortes teóricos e temáticos. E pôde fazê-lo por contar com um seletto time de profissionais que, juntos, combinam algumas das vertentes mais

* Professor Adjunto do Departamento de História da UFRJ.

** Professor Adjunto do Departamento de História da UFRJ.

avanzadas da historiografia internacional com a riquíssima, embora recente, experiência de profissionalização do historiador entre nós.

Robert Slenes, por exemplo, brinda-nos “Senhores e subalternos no Oeste paulista”, onde, mediante o acompanhamento de algumas histórias de vida, são desvendados padrões de relações de compadrio e socialização parental entre os escravos, formas de acumulação de riqueza por senhores brancos e mulatos, entre outros temas. A leveza do texto faz com que assuntos por vezes áridos, como estes, possam ser apresentados de forma quase “natural”, com aspectos de uma cotidianeidade realmente vivida pelos atores dos dramas que se sucedem. O resultado final é obra de alta carpintaria, assentando a fina reflexão em rica combinação de inventários *post mortem*, testamentos, censos demográficos, iconografia, processos criminais e correspondências privadas.

Em graus variados, a mesma estratégia de cruzar fontes na busca de pistas que iluminem as questões propostas se faz presente nos outros capítulos que compõem este *Império: a corte e a modernidade nacional*. Deste modo, nas análises sobre o cotidiano da morte, bem como naquelas acerca das relações entre escravos e senhores no Sudeste brasileiro, ecoam pesquisas não gratuitamente premiadas no Brasil e no exterior, como por exemplo *A morte é uma festa* (São Paulo, Companhia das Letras, 1992), de João José Reis, e *As cores do silêncio* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998), de Hebe Castro. Ressalte-se também o conciso e sutil capítulo de Katia Mattoso sobre a opulência baiana e o fino tratamento dado por Evaldo Cabral de Mello à decadência das casas-grandes nordestinas a partir de uma biografia e de um diário. Seu texto, como de resto o de Katia Mattoso, devolvem a seu devido *locus* estrutural um dos elementos centrais da vida cotidiana brasileira desde a época colonial: o ideal aristocrático que plasmava tanto a esfera pública quanto a privada, congregando ao seu redor figuras tão díspares como os mercadores, os plantadores, os burocratas e mesmo os pobretões de todos os matizes. Estão também presentes neste volume o inovador estudo de Ana Mauad sobre a imagem e a auto-imagem do Segundo Reinado, além daquele relativo à cotidianeidade dos europeus recém-chegados ao Sul do Brasil, estudada conjuntamente por Maria Luiza Renaux e pelo próprio Luiz Felipe Alencastro.